

## ESTEREÓTIPOS EM RELAÇÃO A PAPÉIS SEXUAIS NA COLÔMBIA \*

BARBARA MARIN \*\*

### RESUMO

Este trabalho relata dois estudos realizados na Colômbia sobre estereótipos de papéis sexuais. No primeiro, uma tradução do questionário usado por Rosenkrantz foi aplicada a alunos e alunas de 2º grau e universidade e a pais e mães de estudantes. O segundo pesquisou o desenvolvimento de estereótipos de papéis sexuais em meninos e meninas de 10 a 14 anos, de 3 grupos com situações familiares diversas: um vivendo com os pais naturais, um que havia ingressado recentemente em uma instituição governamental para crianças sem pais e outro vivendo em lares adotivos. Um instrumento foi especialmente construído e validado para esta pesquisa. Os dois estudos demonstraram que em termos gerais os colombianos são semelhantes a outros grupos na percepção de papéis sexuais, apresentando, ao mesmo tempo, algumas diferenças sugestivas.

### SUMMARY

*Sex role stereotypes in Colombia* — Two studies on sex role stereotypes in Colombia are reported in this paper. In the first one a translation of the Rosenkrantz questionnaire was applied to high school and college students of both sexes and parents of students. The second study focused on the development of sex role stereotypes in 10 to 14 years old children, half boys, half girls, from three groups with different family backgrounds: one living with their natural parents, one who had recently entered a government institution for children without parents and one living in adoptive homes. A special instrument was constructed and validated for this research. Both studies showed that in general terms Colombians are like other groups in their perceptions of sex roles, while at the same time presenting some interesting differences.

O conflito sobre papéis sexuais e seus estereótipos continua mais vivo do que nunca. É grande o volume de literatura nos Estados Unidos e amplas as contradições que revela. Geralmente tem-se como certo que os resultados obtidos nos Estados Unidos podem ser facilmente aplicados em outras partes do mundo. No entanto, estudos trans-culturais cuidadosos demonstraram que isso não é verdade. Block (1973) fez um extenso estudo sobre socialização de papéis sexuais e estereótipos e chegou à conclusão de que a situação nos países europeus por ele estudados era bem diferente da existente nos Estados Unidos, sendo que os europeus são menos rígidos em

seus estereótipos do que os norte-americanos. Entretanto, também podem existir diferenças culturais dentro de um país. Selcer e Hilton (1974) estudaram a aquisição de estereótipos em relação a papéis sexuais nos Estados Unidos em duas culturas diversas, uma tradicional e uma não tradicional. Foram então encontradas diferenças marcantes, sendo que na cultura não tradicional os estereótipos são menos rígidos. Por outro lado existe uma relativa escassez de estudos latino-americanos na área. Dadas essas condições, torna-se obviamente necessário um exame muito mais cuidadoso do desenvolvimento de estereótipos de papéis sexuais na América Latina. Relataremos aqui, como um primeiro passo nessa direção, duas pesquisas realizadas na Colômbia.

A primeira delas (Marin, 1973) foi uma tentativa de estudar as diferenças entre estereótipos de papéis sexuais, auto-percepção e percepção de pessoa ideal

\* Trabalho apresentado no XV Congresso Interamericano de Psicologia, Bogotá, Dezembro, 1974. Traduzido por Maria M. Malta Campos.

\*\* Departamento de Psicologia, Universidad de los Andes, Colômbia.

existentes em diferentes grupos de idade na Colômbia. Alguns trabalhos realizados nesse campo nos Estados Unidos (Foley, comunicação pessoal) revelaram diferenças significativas nessas áreas entre grupos de universitários e de pessoas mais velhas, sendo que essas últimas são menos estereotipadas em suas percepções do eu e da pessoa ideal do que as gerações mais jovens. Vários estudos (Baldwin et al., 1969; Horowitz, 1943; Lynn, 1959; Mckee e Sheriffs, 1959; Rosenkrantz et al., 1968) revelaram que existe uma grande concordância entre homens e mulheres tanto nas suas descrições de estereótipos masculinos e femininos, como também quanto à maior desejabilidade das características tipicamente masculinas em relação às femininas.

Para este estudo foram utilizados 134 sujeitos, 70 com idades correspondendo ao 2.º grau, 46 de uma universidade particular e 38 pais de alunos. A porcentagem de indivíduos do sexo masculino na amostra era de 44%. O questionário empregado foi uma tradução do usado por Resenkrantz et al. (1968). Contém 41 pares de adjetivos bipolares, sendo que em cada par um adjetivo contém a dimensão masculina e o outro a feminina. O sujeito devia responder ao questionário utilizando uma escala tipo Likert de 7 pontos. Ele repetia isso 4 vezes, descrevendo um homem desconhecido típico, uma mulher desconhecida típica, ele próprio e a pessoa ideal. Os questionários foram aplicados em classe, com exceção dos respondidos pelos pais, que o fizeram individualmente.

Confirmando resultados de estudos anteriores, os estereótipos de papéis sexuais masculinos e femininos foram claramente definidos por sujeitos de ambos os sexos, embora não fossem tão radicais como os obtidos em estudos norte-americanos que usaram o questionário Rosenkrantz. Este resultado pode indicar ou que o tão decantado machismo latino americano não é tão terrível como geralmente se acredita, ou que o questionário Rosenkrantz não é tão sensível aos estereótipos de papéis sexuais de uma outra cultura. Um caso de ausência de diferenciação entre papéis masculinos e femininos foi especialmente marcante. O grupo de meninas de segundo grau demonstrou ser muito pouco estereotipado em sua percepção de papéis masculinos e femininos, confirmando alegações de vários autores (Brown, 1956; Kohlberg, 1966; Menuchin, 1964; Smith, 1939) de que as meninas podem sentir-se confusas em relação às suas idéias sobre estereótipos, já que percebem que os traços masculinos são mais valorizados que os femininos, ao mesmo tempo em que sentem a pressão social para que sejam femininas.

A pesquisa norte-americana demonstrou que a percepção do eu é menos radical do que o estereótipo (Rosenkrantz et al. 1968). Na Colômbia isso não é verdade. Não foi encontrada nenhuma diferença

significativa entre a auto percepção dos sujeitos e sua percepção do estereótipo de mesmo sexo, sendo que existia até mesmo uma tendência entre os estudantes universitários de se qualificarem como mais masculinos ou femininos do que o respectivo estereótipo adotado.

Outra tendência interessante era a das alunas de segundo grau, cujas percepções de si próprias e do estereótipo eram muito menos femininas do que as dos grupos mais velhos. Isto pode ser devido a mudanças de atitudes ou a confusão cognitiva mencionada anteriormente.

A pessoa ideal desses sujeitos foi geralmente muito semelhante e menos masculina que o estereótipo masculino, porém muito mais masculina do que o estereótipo feminino. Esse ideal era semelhante ao adotado por pessoas mais velhas nos Estados Unidos e aos resultados europeus. Entretanto, um dos grupos dessa amostra, o universitário, tinha como ideal uma pessoa bem diferente, muito mais masculina. O seu ideal foi muito parecido com aquele dos sujeitos norte-americanos alunos de universidade, o que pode ser devido à grande competição existente no ensino superior da Colômbia, especialmente para os rapazes, que geralmente o utilizam como uma forma de ascensão social. Em apoio a essa hipótese existem as conclusões de Block, que demonstrou que países altamente industrializados têm ideais mais masculinos, aparentemente devido à crescente competição, já que a masculinidade é considerada como sinônimo de competição e ação.

Na comparação entre o eu e o ideal, as mulheres viram o ideal como significativamente mais masculino do que o eu. Para os homens, entretanto, não houve diferença entre o eu e o ideal. Isso vem corroborar as conclusões norte-americanas de que os traços masculinos são mais altamente valorizados do que os femininos, sendo que as mulheres se vêem como diferentes do ideal e conseqüentemente inferiores.

Este primeiro estudo forneceu grande volume de dados, os quais mostram que, apesar das semelhanças globais com outros grupos, os colombianos apresentam algumas diferenças interessantes que deveriam ser estudadas com maiores detalhes, preferentemente ao nível da América Latina como um todo.

O segundo estudo (Marin et al. 1974) focalizou o desenvolvimento de estereótipos de papéis sexuais em crianças vivendo em ambientes familiares diversos. Vários estudos nos Estados Unidos (Burton, 1972; Hetherington, 1972; Moran, 1972; Steele, 1971) demonstraram os efeitos prejudiciais que a ausência do pai tem na formação da identificação com papéis sexuais. Tem havido grande confusão em relação a isso, pois apesar da identificação com o respectivo papel sexual ser mais fraca devido à

ausência, os meninos, especialmente, tendem a compensar esta perda desenvolvendo traços hipermasculinos (Andry, 1960; Lynn e Sawrey, 1959; Moran, 1972). São poucos os dados sobre os efeitos da ausência paterna em meninas, mas Steele demonstrou que meninas que viviam em instituições identificavam-se menos com seu papel sexual do que meninas vivendo com suas famílias. Ficou também demonstrado que é importante a diferença entre a identificação com o papel sexual e a preferência (Lynn, 1966; Brown, 1956; 1958), especialmente em meninas que se identificam com seu papel ao mesmo tempo em que preferem aquele do sexo oposto. Por essas razões é que o estudo seguinte foi desenvolvido.

Foram escolhidos 176 sujeitos ao todo, metade de cada sexo, pertencentes a 3 grupos: um de crianças vivendo com seus pais naturais, um de crianças que haviam ingressado recentemente em uma instituição governamental para órfãos e que não haviam sido ainda colocadas em lares adotivos e um de crianças vivendo em lares de adoção (isto é, situações semi-institucionais, já que 10-15 crianças vivem com cada casal que voluntariamente se oferece para cuidar delas). As crianças tinham idades que variavam de 10 a 14 anos e eram todas de nível sócio-econômico baixo. Para evitar problemas com diferenças culturais foi construído em Bogotá um instrumento especial cuja validade foi testada. Consiste em um grande número de pranchas que retratam atividades comuns, as quais poderiam ser consideradas como típicas de cada sexo, como por exemplo uma pessoa trocando as fraldas de uma criança. As figuras das pranchas não eram identificáveis quanto ao sexo (eram bonecos esquemáticos). Para a validação pediu-se às crianças que identificassem o sexo da figura. Desta forma, 20 situações que obtiveram a concordância de 80% ou mais quanto ao sexo da figura foram selecionadas para o caderno final.

No experimento propriamente dito, o caderno foi aplicado 3 vezes aos sujeitos. Em primeiro lugar, foi perguntado se eles fariam ou não aquela determinada atividade representada, para que manifestassem sua identificação com as atividades típicas de cada sexo. Em segundo lugar, perguntou-se a eles se queriam ou não fazer aquela atividade retratada na prancha, para determinar sua preferência. Finalmente, pediu-se que eles identificassem o sexo da figura. Para as primeiras duas questões foi utilizado um modelo de escala Likert para crianças, desenvolvida por Jackson e Klinger (1971). Esta escala mostra 5 faces com expressões que vão do sorriso até o semblante carregado, isto é, do agrado ao desagrado.

Na primeira questão — você faz as atividades das figuras — foram encontradas diferenças significativas na direção esperada, entre meninos e me-

ninas, isto é, os meninos disseram que eles fariam mais atividades masculinas e as meninas mais atividades femininas. Uma exceção interessante é a que foi encontrada quando os grupos foram separados segundo a situação familiar. Verificou-se que as meninas e meninos que viviam em famílias adotivas não se diferenciavam significativamente quanto ao que diziam fazer. Isto poderia indicar uma falta de identificação com seus respectivos papéis sexuais, levantando a questão da eficácia dos pais substitutos como modelos em relação a esse aspecto. Entretanto, Smith (1966) aponta para o fato de que os comportamentos tipificados por sexo em crianças não se relacionam com a diferenciação de papéis sexuais de seus pais, mas sim com a influência da cultura. Uma explicação mais simples e provavelmente mais adequada desses resultados seria que isso constituía um juízo de realidade da parte desses sujeitos, já que se espera que crianças colocadas em famílias adotivas façam todo tipo de atividades domésticas, independentemente de seu sexo. Este resultado demandaria mais estudos, porque é possível que a prática de atribuir encargos domésticos indiscriminadamente tenha o efeito de diminuir uma consciência muito rígida dos papéis sexuais, constituindo uma forma muito simples e útil de mudar atitudes.

Também foram encontradas diferenças entre as crianças conforme as situações familiares. Como seria de se esperar pelos resultados anteriores, os meninos vivendo nas famílias adotivas apresentaram a menor identificação com seu papel sexual. A maior identificação foi encontrada entre os meninos sem pais, sendo que os meninos com famílias intactas se colocaram entre os dois outros grupos. Estes resultados estão de acordo com os de Moran (1972) que encontrou uma tendência para a hipermasculinidade entre os meninos com pais ausentes, como uma forma de compensação para a sua identificação basicamente feminina. Entretanto, isto não parece ser verdadeiro para as meninas pois, ao menos nesta amostra, as que revelaram a identificação mais feminina eram as que tinham família. Steele (1971) concluiu que as meninas que não vivem em instituições encontravam-se mais identificadas com seu papel sexual do que as que vivem, o que reforça nossos resultados.

Quanto à questão sobre preferência de papel sexual, foram encontradas as mesmas diferenças relatadas no estudo anterior. Os meninos preferiram o papel masculino na mesma medida em que se identificaram com ele, mas as meninas preferiram o papel masculino ao mesmo tempo em que se identificavam com o feminino. As análises por grupos familiares revelaram mais uma vez que as crianças com famílias adotivas constituem um caso

ímpar. Embora não significativa, havia uma tendência dos meninos para preferirem atividades mais femininas do que as meninas preferiam. Esta falta de diferenciação entre os sexos pode ser devida à liberdade de ação e pensamento propiciada pela não diferenciação de atividades no lar. Como na identificação, os meninos sem pais eram os mais masculinos em sua preferência, seguidos por meninos com famílias intactas e pelos meninos de famílias adotivas, os quais demonstraram a menor preferência pelas atividades masculinas. As meninas com famílias intactas manifestaram as preferências mais femininas, sendo que os outros dois grupos não se diferenciaram. Assim, as diferenças encontradas para a identificação se mantiveram também para a preferência.

A última questão se referia ao sexo da pessoa representada na figura. Esperava-se que todos os sujeitos se saíssem igualmente bem nessa discriminação, já que parece bastante lógico que todos os grupos seriam capazes de identificar comportamentos estereotipados. Contudo, não foi isto o que ocorreu. Em primeiro lugar, comparando-se o sexo dos sujeitos, viu-se que as meninas identificavam significativamente melhor o sexo das figuras do que os meninos. Este resultado, em particular, está de acordo com os encontrados por Rosenthal et al. (1974) que relatam que as meninas e mulheres sabem entender melhor as indicações de uma mensagem não verbal do que os meninos e homens. Foram também encontradas diferenças entre os grupos conforme as situações familiares. As crianças de famílias intactas tiveram mais facilidade em identificar o sexo da figura, sendo que as crianças do grupo de pais adotivos geralmente se saíram melhor do que as crianças sem pais. Estes resultados parecem apontar para um processo de aprendizagem social através do qual as crianças aprendem a co-

nhecer os papéis sexuais, o qual poderia ser afetado pela perda dos pais.

Outros resultados interessantes nessa área foram as diferenças significativas encontradas na identificação das figuras masculinas e femininas, pois havia uma maior facilidade de identificar as figuras masculinas em todos os grupos. Vários autores (Brown, 1956; 1958; Lynn, 1966) sugeriram que o papel masculino é geralmente mais rígido do que o feminino, e que existe mais liberdade de experimentação para as mulheres no campo supostamente masculino do que vice-versa. Isso poderia explicar a facilidade da identificação das situações masculinas e a relativa diferença encontrada na identificação das femininas. Uma outra explicação poderia ser que os bonecos esquemáticos simplesmente se parecem mais com homens, uma dificuldade que os futuros estudos terão de levar em conta.

Assim, é fácil perceber que os resultados desses estudos estão em geral de acordo com aqueles encontrados em outras partes do mundo, embora seja importante notar que os estereótipos de papel sexual são geralmente menos rígidos aqui (Colômbia) do que nos Estados Unidos, enquanto as auto-percepções são mais estereotipadas do que lá. Da mesma forma que em outras partes do mundo, esses estereótipos trazem consigo as mesmas implicações negativas em relação ao valor das mulheres. É evidente a necessidade de estudá-los em maior detalhe, já que as diferenças encontradas entre os grupos com e sem pais (que eram da mesma classe social) demonstram claramente a forte influência que o ambiente exerce na formação desses estereótipos. Por outro lado, este tipo de estudos pode ajudar-nos a descobrir métodos capazes de modificar esses estereótipos, levando-nos eventualmente a uma nova visão de cada indivíduo, não mais em função de seu sexo mas em termos de seu valor individual.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRY, R. C. 1960. *Delinquency and parental pathology*. Methuen, London.
- BALDWIN, A. L.; BALDWIN, C. P.; HILTON, I. R. e LAMBERT, K. 1969. The measurement of social expectations and their development in children. *Child Development Monograph*, 34 (4).
- BLOCK, J. H. 1973. Conceptions of sex role: some cross-cultural and longitudinal perspectives. *American Psychologist*, 28: 512-526.
- BROWN, D. G. 1956. Sex-role preference in young children. *Psychological Monographs*, 70, (14): whole no 421; 1958. Sex-role development in a changing culture. *Psychological Bulletin*, 54: 232-242.
- BURTON, R. 1972. Cross sex identity in Barbados. *Developmental Psychology*, 6 (3): 365-374.
- BURTON, R. e WHITING, P. 1961. The absent father and cross sexual identity. *Merrill Palmer Quarterly*, 7: 85-95.
- HETHERINGTON, E. M. 1972. Effects of father absence on personality development in adolescent daughter. *Developmental Psychology*, 7 (3): 313-326.
- HOROWITZ, R. 1943. A pictorial method for study of self-identification in preschool children. *Journal of Genetic Psychology*, 62: 135-148.
- JACKSON, S. e KLINGER, R. 1971. *Cross cultural aptitude inventory*. National consortia for bilingual education, Ford North, Texas.
- KOHLBERG, L. 1966. A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. In MACCOBY, E. ed. *The development of sex differences*. Stanford University Press, Stanford.

- LYNN, D. B. 1959. A note on sex differences in the development of masculine and feminine identification. *Psychological Review*, 66: 126-135; 1966. The process of learning parental and sex role identification. *Journal of Marriage and the Family*, 28: 466-470.
- LYNN, D. B. e SAWREY, W. L. 1959. The effects of father absence on Norwegian boys and girls. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 59: 258-262.
- MARIN, B. 1973. Comparación del estereótipo del rol sexual en muestras colombianas. Paper presented at the Fifth Colombian Congress of Psychology, Bogotá, November.
- MARIN, B.; GALVIS, N.; MORENO, C. e SIERRA, T. 1974. Identificación y preferencias del rol sexual en grupos de niños con padres naturales, padres sustitutos y "sin padres". [Unpublished thesis, Pontificia Universidad Javeriana].
- MCKEE, J. P. e SHERRIFFS, A. C. 1959. Men's and women's beliefs, ideas, and self-concepts. *American Journal of Sociology*, 64: 356-363.
- MENUCHIN, R. 1964. *Children's sex-role concepts as a function of school and home environments*. Paper presented at the meeting of the American Orthopsychiatric Association. Chicago, March.
- MORAN, P. 1972. *The effect of father absence on delinquent males: dependency and hypermasculinity*. Saint Louis University. [Doctoral Dissertation].
- ROSENKRANTZ, P.; VOGEL, B.; BEE, H.; BROVERMAN, I. e BROVERMAN, D. 1968. Sex role stereotypes and self-concepts in college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 32: 387-395.
- ROSENTHAL, R.; ARCHER, D.; DIMATEO, M.; KOIVUMAKI, J. e ROGER, P. 1974. The language without words. *Psychology Today*, 8 (4): 64-72.
- SELZER, R. J. e HILTON, I. R. 1974. *Cultural differences in the acquisition of sex-roles*. Yeshiva University. (ex. mimeografado).
- SMITH, C. 1966. *The development of sex-role concepts and attitudes in father-absent boys*. University of Chicago. [Unpublished Master's Thesis].
- SMITH, S. 1939. Age and sex differences in children's opinions concerning sex differences. *Journal of General Psychology*, 54: 17-25.
- STEELE, C. I. 1971. Problems of sexual identity in institutionalized adolescent girls. *Adolescence*, 6, (24): 509-522.

[Recebido para publicação em julho de 1975]